



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor
 Nome: Eudaldo Francisco Santos Filho
 E-mail: eudaldofilho@gmail.com
 Instituição: Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Submetido: 23/10/2018
 Aprovado: 07/03/2020
 Publicado: 09/07/2020

[doi> 10.20396/rho.v20i0.8653745](https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8653745)
 e-Location: e020024
 ISSN: 1676-2584



Distribuído Sobre



A CONSTRUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DE CONTOS AFRICANOS: A TRADIÇÃO ORAL SOBRE A COSMOLOGIA IORUBÁ

Eudaldo Francisco Santos Filho¹
 Janaina Bastos Alves²

RESUMO

Esta produção faz uma breve reflexão sobre a forma de construção e difusão de conhecimento a partir de práticas orais da cultura africana por meio dos contos e lendas repassados entre as gerações. O tema escolhido para a observação, investigação e construção teórica foi a cosmologia, a forma de encarar o surgimento do universo, fazendo um paralelo da ciência formal com a cultura africana. Faz, de forma introdutória, uma análise comparativa da difusão do conhecimento da ciência formal e os dos contos africanos, acerca do assunto, tendo as distintas visões, sem com isso legitimar ou hierarquizar nenhuma das possibilidades observadas. Trata-se de duas formas de representação do conhecimento, o cânone científico formal da concepção do universo e a maneira lúdica, e não menos importante, que a tradição africana concebe a criação do mundo e dos seres humanos. A construção e o emprego do conceito de oralitura sobre o tema é uma das conquistas do texto, trazendo também consigo e em consequência, a dimensão das africanidades incrustadas no processo de difusão de saberes e conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Africanidades. Conhecimento. Cosmologia. Oralitura.



THE CONSTRUCTION AND DISSEMINATION OF KNOWLEDGE THROUGH AFRICAN TALES: THE ORAL TRADITION ABOUT IORUBA COSMOLOGY

Abstract

This production makes a brief reflection on the form of construction and diffusion of knowledge from oral practices of African culture through the tales and legends passed on between generations. The theme chosen for observation, research and theoretical construction was cosmology, the way of facing the emergence of the universe, making a parallel between formal science and African culture. It introduces, in an introductory way, a comparative analysis of the diffusion of knowledge of formal science and those of African tales, on the subject, having the different views, without legitimizing or hierarchizing any of the possibilities observed. These are two forms of knowledge representation, the formal scientific canon of the conception of the universe and the playful way, and not least, that the African tradition conceives the creation of the world and of human beings. The construction and use of the concept of oral reading on the theme is one of the achievements of the text, also bringing with it and consequently the dimension of Africanities embedded in the process of spreading knowledge and knowledge.

Keywords: Africanities. Knowledge. Cosmology. Oralitura.

LA CONSTRUCCIÓN Y DIFUSIÓN DEL CONOCIMIENTO A TRAVÉS DE LOS CUENTOS AFRICANOS: LA TRADICIÓN ORAL SOBRE LA COSMOLOGÍA DE IORUBA

Resumen

Esta producción hace una breve reflexión sobre la forma de construcción y difusión del conocimiento a partir de las prácticas orales de la cultura africana a través de los cuentos y leyendas transmitidas entre generaciones. El tema elegido para la observación, la investigación y la construcción teórica fue la cosmología, la forma de enfrentar el surgimiento del universo, haciendo un paralelo entre la ciencia formal y la cultura africana. Introduce, de manera introductoria, un análisis comparativo de la difusión del conocimiento de la ciencia formal y de los cuentos africanos, sobre el tema, teniendo los diferentes puntos de vista, sin legitimar ni jerarquizar ninguna de las posibilidades observadas. Estas son dos formas de representación del conocimiento, el canon científico formal de la concepción del universo y la forma lúdica, y no menos importante, de que la tradición africana concibe la creación del mundo y de los seres humanos. La construcción y el uso del concepto de lectura oral sobre el tema es uno de los logros del texto, que también trae consigo y, en consecuencia, la dimensión de las africanidades incrustadas en el proceso de difusión del conocimiento.

Palabras clave: Africanidades. Conocimiento. Cosmología. Oralitura.



INTRODUÇÃO

Dentre os questionamentos fundamentais do homem alguns são constantes, como os mistérios da existência humana; a origem do homem e do universo. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Questões primais carregadas de enigmas, versões e teorias, que são abordadas pela ciência ou mesmo pela cultura popular dos povos. Nesse movimento de indagações, a cultura humana, por milênios, constrói variantes conjecturas a respeito da criação do universo, do mundo e consequente surgimento do homem na terra. Muitas teses já foram levantadas, sob uma perspectiva formal ou informal, todas alimentando o ideário humano sobre a criação do universo, asseverando posições e perspectivas culturais distintas. A academia tem sido sistemática protagonista na tentativa de comprovação das suas hipóteses levantadas, erigindo um compêndio teórico através dos tempos. Várias possibilidades já foram validadas pela ciência, sobre as teorias da criação do universo, o modelo cosmológico passou por vários estados, como: o da terra plana, os dos modelos geocêntricos, os dos heliocêntricos e os dos galactocêntricos.

No entendimento contemporâneo, a teoria científica aceita para o início do universo é a que reconhece um evento chamado de Big Bang. Apresentada em 1948, pelo astrônomo George Gasmov, essa tese estabelece supremacia sobre a teoria do espaço estacionário, que afirmava que o espaço era o que sempre teria sido. Conforme o princípio desta teoria, em dado momento houve uma explosão. A ideia central afirma que o universo estava originalmente muito quente e denso, em algum tempo finito no passado e desde então tem se resfriado pela expansão constante. Tal teoria calcula que esta ocorrência se deu por volta de 13 bilhões de anos atrás. Conclusões como esta, são construções do conhecimento científico formal e validada pelos preceitos da academia hegemônica. Ocorre que existem outras perspectivas de leitura dos fenômenos e consequentemente do mundo, que dão conta do ideário de povos e culturas validando outras formas de construção e difusão do conhecimento que porventura abordem as outras possibilidades, sejam de caráter: teológico, empírico, filosófico, artístico e de muitas maneiras que a expressão humana pode conceber, inclusive amalgamando estas possibilidades.

Diante dessa perspectiva e na busca por explicações sobre a criação do universo, na formulação de teorias sobre a cosmologia, o homem também se utilizou historicamente de outros mecanismos de representação do conhecimento, além do rigor científico formal. Saberes reconhecidos como informais, pela academia, foram construídos neste sentido, constituindo simbolismos paradigmáticos, que traduziam a visão dos povos para um momento tão singular na história e existência humana. Construtos que reforçam características peculiares de povos, estabelecendo a cosmovisão destes.

A tradição cultural dos povos tem se renovado em plasmar teorias sobre a criação do universo e do nosso planeta, dando traços particulares a essas visões. Diversos relatos ao redor do planeta e através dos tempos, têm se encarregado de contribuir com suas versões sobre a gênese do universo, cada qual com sua poesia e personalidade, fazendo com que esta



diversidade seja uma das páginas mais nobres em originalidade e criatividade, do conhecimento humano, com diversas tendências, formas e crenças sobre o mesmo fenômeno. Neste trabalho abordaremos os contos africanos de tradições orais e sua contribuição para compreensão da cosmologia por este povo, e com isto formaremos um objeto de pesquisa para observar a forma de construção e difusão desses saberes. Ressaltamos que reconhecemos a amplitude e diversidade geográfica, cultural, política e social da África, visto esta ser um continente, e não a reduzimos à condição de uma “comunidade”. Quando nos referimos a povos africanos, apenas enfatizamos a pertença africana, condição que ressalta características que podem ser observadas como atributos singulares e comuns aos povos daquele continente. Mesmo com o enfoque generalista que por vezes usaremos em algumas passagens no texto, faz-se imperativo afirmar que, os textos e conceitos serão sempre em relação aos dos povos Iorubá, na medida em que estes valores estão disseminados em várias nações e locais da África.

Entre as diferentes histórias que ilustram a criação do mundo e o surgimento dos seres humanos, os contos de matriz africana, mais precisamente os de origem Iorubá, encantam pela sua forma, plasticidade e conteúdo. Tais histórias são impregnadas de sabedoria, beleza e ludicidade, que mobilizam estudiosos e leitores. O conhecimento cosmológico Iorubá se baseia nos ancestrais divinizados e nos elementos da natureza para justificar a criação do planeta e do homem. A crença na existência de seres sagrados orienta a percepção de mundo da cultura deste povo e dos afro-brasileiros. Este é um pressuposto das crenças cosmológicas de herança africana.

No exercício de transmitir a história e legado iorubá, através da oralidade, os contos traduzem a cultura de um povo, rico de crenças e de predicados bem particulares. Tais atributos são características de uma população religiosa, na perspectiva da religião como um atributo constitutivo da percepção de mundo do indivíduo, que toma a palavra como sagrada e se pauta no poder do divino, da criação, para compreender suas trajetórias de vida, e construção de valores por meio da difusão do conhecimento pela via oral.

Os iorubá e os afro-brasileiros construíram uma literatura oral rica de saberes, que revelam os ensinamentos dos ancestrais e mais velhos, bem como se valem da palavra falada para disseminar as histórias com as quais foram criados, contos variados, que dentre os mais diversos assuntos e conhecimentos, estava também, crenças sobre a criação do mundo e a existência humana, relação percebida como traço comum dos povos africanos. Vale ressaltar que neste trabalho, em dado momento citamos povos afro-brasileiros, reconhecendo a herança compartilhada pela África em seu deslocamento forçoso para o Novo Mundo por volta do século XVI.

Trata-se de um assunto amplo, dessa forma seria irrealizável atribuir valoração às crenças ou contos aqui citados, bem como confirmar alguma das versões. Nosso objetivo é abordar a visão dos iorubá e afro-brasileiros sobre o tema, fazendo uma breve reflexão sobre o seu modo de transmissão: os contos. Ressaltamos ainda a importância destes, porque não apenas



registram histórias, mas por revelar a tradição oral, sendo este um traço cultural predominante dos povos Africanos.

CULTURA IORUBÁ: COSMOVISÃO, TRADIÇÃO ORAL E CONCEPÇÕES DISTINTAS

Antes mesmo de discorrer sobre as tradições orais de matriz africana, concebemos ser relevante uma introdução, ainda que bem resumida, sobre os povos iorubá e sua cosmovisão, na tentativa de contribuir para o entendimento de nossa proposta de investigação. Sendo um continente vasto, diverso e peculiar no sentido de possuir tantas características distintas, a África abrange diferentes povos ao longo de sua extensão geográfica e cultural. Dentre as sociedades desse continente estão as dos países iorubá, concentrando cerca de aproximadamente 14 milhões de pessoas.

Segundo estudo de Abimbola, uma totalidade de cidadãos com arcabouço cultural singular. Assim sendo, ressaltamos que em dado momento nos referiremos à África sem a intenção de demonstrar uma unicidade reducionista, mas no sentido de conceber traços comuns às práticas dos países de matriz africana, sendo representativa nos povos iorubá. Por este motivo, quando mencionamos o referido continente, destacamos, neste texto, que os iorubá são legítimos representantes destas práticas neste berço e, portanto, africanos.

Os Iorubá, aproximadamente 14 milhões (1971), são encontrados basicamente em três países na África Ocidental: Nigéria, Daomé e Togo. Na Nigéria, os iorubas estão espalhados entre a cidade de Lagos, os estados ocidentais e Kwara, sendo que, os estados ocidentais, com uma população aproximada de nove milhões, são quase que completamente habitados pelos iorubas. (ABIMBOLA, 2011, p. 2).

Concentrando um número significativo de pessoas na África a cultura iorubá tem forte influência sobre os que dela ganham conhecimento, inclusive, países de outros continentes com quem os africanos se relacionaram. É o caso nas Américas, que durante regime escravocrata passou a conviver com africanos retirados de diversos lugares da África, espalhando seus costumes e saberes, mesmo que sob sistema de forçosa escravidão. Abimbola (2011) elucida esse encontro dos iorubá em outros continentes.

Importante também é a sobrevivência da cultura ioruba na América do Sul e das Ilhas Caribenhas, remanescentes da era do comércio escravo, e podem ser encontradas mais fortemente na Bahia e em Cuba, onde a linguagem ioruba foi preservada como dialeto ritual e a religião ioruba ainda é largamente professada. (ABIMBOLA, 2011, p. 2).

Nesse contato com outros povos, os iorubá marcaram com sua cultura, seus saberes e concepções, fazendo com que sua cosmovisão passasse a ser também parte da construção destas populações. Com a violenta e compulsória vinda de africanos para o Brasil, durante a escravatura, em meados do século XVI, houve uma difusão desses valores. Em alguns estados brasileiros esse contato se deu com mais poder, assim é o caso da Bahia que a partir do século



XVIII manteve estreita relação com a África, herdando sua cultura, especialmente a iorubá. Mais uma razão que nos permite tratar no nosso trabalho, em algumas passagens de povos afro-brasileiros, entendendo que no Brasil há uma população fortemente influenciada pelos conhecimentos africanos.

Vale destacar ainda, que os povos de origem iorubá também são reconhecidos como povos Nagôs ou Ketu dada a sua presença nas regiões predominadas por estes povos, pois como afirma Abimbola (2011), os iorubás se concentram em uma expressiva quantidade de povos. É o que Luz (2000) assevera em seus escritos, contribuindo com a nosso estudo.

O complexo cultural do povo Nagô veio para o Brasil nos fins do século XVIII e início do XIX, sendo, os últimos povos a serem objeto do tráfico. Os Nagô compreendem diversos grupos pertencentes ao Sul e Centro do atual Daomé e do Sudeste da Nigéria, uma região conhecida como Yorubaland. Quando nos referimos ao complexo cultural Nagô, estamos querendo demonstrar que sua estrutura nasce de culturas distintas de vários reinos, a exemplo dos Ketu, Sabe, Òyò, Égba, Égbado, Ijesà e Ibejù. Esse complexo cultural se expressa no Brasil por meio de costumes, estruturas hierárquicas, conceitos filosóficos e estéticos, língua, música, literatura, mítica e religião. (LUZ, 2000, p. 95)

Corroborando com Luz (2000), Lima (1974) destaca que a pertença iorubá em sua diversa denominação entre seus povos, e assim também na Bahia.

A palavra nagô, usada na Bahia desde o fim do século XVIII, é ouvida correntemente no Daomé para denominar os iorubás de qualquer procedência. “Anago”, “Nago” ou “Anagonu” (Anagô, nagô ou anagonu) são formas com que eles, os iorubás são conhecidos. Buscando a etimologia do termo, no Daomé, quase sempre encontrei definições ostensivas para o mesmo, como: “o nome que aqui se dá ao povo de fala iorubá”. (LIMA, 1974, p. 74).

Tendo uma influência expressiva em povos espalhados ao longo de alguns países africanos, a cultura iorubá reconhecida também com outras denominações conforme Luz (2000) e Lima (1974), sendo assim, espalhou-se e continua sendo difundida entre seus povos. Deste complexo cultural, encontramos distintas concepções socioculturais e tradições, entretanto, verificamos como traço unificador a cosmovisão e as tradições orais. Tais povos concebem de forma particular a criação do universo e do homem e se valem da palavra falada para construir e difundir conhecimentos. É por meio da oralidade que transmitem ensinamentos e assim suas concepções e crenças, Prandi (2001, p. 24) ressalta que, “[...] como os iorubás não conheciam a escrita, seu corpo mítico era transmitido oralmente.” Contudo, é importante ressaltar que a tradição oral não se resume a povos ágrafos, ao contrário, faz parte de uma cultura que concebe a fala como elemento gerador da existência, mesmo onde a escrita já era consolidada. “Portanto, a palavra, para comunidade africana, configura-se como poder gerador da existência civilizatória, perpassando gerações numa temporalidade infinita.” (LUZ, 2000, p. 102).

Até aqui destacamos a presença iorubá em parte da África e na Bahia por seu deslocamento forçado em período de escravidão nas Américas. Seguimos com a compreensão



dessa cultura para que tenhamos acesso e compreensão da sua cosmovisão e especialmente como se dá a sua transmissão cultural. Essa inserção se fez necessária para que percebamos melhor os contos os quais iremos analisar.

TRADIÇÕES ORAIS: EXPRESSÃO DO LEGADO AFRICANO IORUBÁ

A tradição oral pode ser um elemento natural das sociedades, uma característica constitutiva na transmissão de saberes de todos os povos, variando de importância e magnitude entre elas. Entendemos ser um traço peculiar de muitos povos africanos, mais precisamente dos iorubá, atributo frequente e fundante de algumas culturas desta matriz. Por meio da fala é possível não apenas se comunicar, mas perpetuar a cultura própria e manter latentes e presentes as memórias e os ensinamentos ancestrais. Com a oralidade transmitem-se conhecimentos, saberes, crenças, valores e também reivindicações.

Com imponente significado e peso, a palavra dita tem relevância e apelo na cultura de parte da África e contemporaneamente produz/reproduz seu legado, em uma metodologia oral que foi consolidada empiricamente, no decorrer do tempo. Não se trata de um simples processo de comunicação, mas difunde e preserva o legado de um povo por meio de indivíduos e quanto a isto temos a contribuição de Souza (2005, p. 85) que assegura, que “[...] tradição oral é guardiã da história e da memória entre muitos povos africanos, sendo preservada, principalmente, por homens sábios, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos fatos e feitos dos seus antepassados.”

A riqueza desta constatação se corporifica quando reverte um paradigma moderno, em relação à transmissão e construção do conhecimento, a falta do registro escrito ou textual, um modelo do conhecimento ocidental moderno e amplamente validado na academia. E ainda podemos inferir que mesmo com esta prática metodológica de lidar com a informação, não há perdas significativas nem dispersão dos conteúdos, dados, origem e cronologia das falas. Podemos sim constatar revalidações, atualizações e reconfigurações da mensagem, mas com manutenção primordial da comunicação.

A partir das tradições orais e de alguns pesquisadores contemporâneos, surge também um conceito novo que enriquece a cultura africana, a oralitura. Termo cunhado primeiramente pelo escritor haitiano Ernest Mirville no ano de 1974, propõe teoricamente abranger os enredos narrados pelos contadores escravizados, que no período noturno relatavam histórias inspirados em vivências passadas, com conteúdo de experiências ocorridas. Silva (2014, p. 44) nos explica:

Tratava-se de “palavras noturnas” dedicadas a contemplar o sofrimento dos escravizados e os mecanismos de resistência negra, conformando, assim, uma manifestação de contracultura, em oposição ao sistema de escravidão. Na oralitura, projetou-se uma forma estética alternativa, que reconhecia a legitimidade de perspectiva negra como autoria importante nos fazerem literários e históricos que compõem o patrimônio cultural da humanidade.



Enquanto denunciavam a forçosa escravidão, os negros ressoavam cânticos, poesias, lamentos e contos dos mais variados, para, não apenas passar o tempo, mas manter “viva” as lembranças e memórias de seu povo, de suas origens. Com a oralitura os registros tornavam-se performáticos, incorporados nas variadas expressões e narrativas, revelando ora dor e sofrimento, ora resistência e luta, ora o saudosismo de suas terras. À medida que labutavam sob açoites, os escravizados proferiam palavras expressivas que não se perdiam no ar, mas substanciavam suas resistências, conforme Silva (2014) nos afirma no trecho supracitado.

Tendo uma tradição oral como prática de difusão do conhecimento os africanos e consequentemente os afrodescendentes se valiam desse método para ilustrar suas histórias de vida. Em período de escravização no qual a dor e o sofrimento eram constantes, os negros escravizados se utilizavam da oralidade para manifestar suas queixas, agruras, e também reivindicar pela liberdade. Ato de resistência e negação ao sistema escravocrata, a oralitura possibilitou uma nova perspectiva de registro cultural dos povos de parte da África e seus descendentes.

Dentre essas zonas e forças limiares, uma das mais férteis remete-nos ao âmbito da textualidade oral e das performances rituais, no seio das quais muitas formas poéticas e ficcionais se dispõem. Ali, a palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem performática do corpo, inscrevendo o sujeito emissor, que a porta, e o receptor, a quem também circunscreve, em um determinado circuito de expressão, potência e poder. (MARTINS, 2007, p. 80).

A oralidade de fato é um marco de povos africanos, como os iorubá e configura como forma de propagar o seu legado. Foi utilizando a voz que conseguiram perpetuar a cultura de parte da África e revelar ao mundo seus conhecimentos e saberes ancestrais. Os contos e as lendas, por exemplo, retratam a crença desse povo e como estes interpretam as falas de seus antepassados, com os seus mais velhos validando, realçando e repassando seu conteúdo. Com a oralitura, a cultura africana passou a ter um registro além da mera transmissão de palavras, e se inseriu na literatura remanescente de seu povo, fazendo parte dos arquivos literários.

O que se constituiu como forma de resistência e contracultura, passou a difundir o conhecimento africano e afrodescendente, e assim a oralitura enriqueceu a metodologia de estudo da tradição oral desses povos. Os contos, lendas, cânticos, poesias eram proferidos performaticamente e se instalavam na medida em que iam sendo expressos. Não apenas o sofrimento era posto, embora tenha sido inicialmente uma maneira de responder à opressão, mas a oralitura também possibilitou a propagação das memórias dos povos negros.

Resguardados nos acervos da memória, vibrantes em belíssimos cânticos e contos, performados em variados timbres vocais e rítmicos, esses engenhosos e múltiplos repertórios inscrevem na grafia da voz e nos rizomas das aletrias os variados trânsitos e cruzamentos poéticos diversos de nossa oralitura. (MARTINS, 2007, p. 82).

O conceito de oralitura nos permite entender que a tradição oral e a ancestralidade na África, ou de parte desta, são primordiais e faz parte do seu legado cultural, influenciando decisivamente seu povo e descendentes. Esse fenômeno se confirma desde as comunidades onde



a escrita era pouco difundida, até as comunidades onde esta já tinha sido consolidada. A utilização da voz se fazia relevante por manter e fortalecer uma tradição dos ancestrais. Isso revela que a oralidade não se constituiu meramente pela falta do registro escrito, mas por ser parte integrante e consolidada do sistema de difusão do conhecimento Vansina (2010) esclarece essa singularidade tradicional em alguns países africanos.

As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita; como na África ocidental a partir do século XVI, pois muito poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade. Seria um erro reduzir a civilização da palavra falada simplesmente a uma negativa, “ausência do escrever”, e perpetuar o desdém inato dos letrados pelos iletrados [...]. (VANSINA, 2010, p. 139).

A partir da oralidade, os negros se comunicavam, ensinavam e aprendiam, repassavam as histórias e trajetórias de vidas dos seus, ou seja, difundiam conhecimento e construíam sua cultura. Podemos então perceber por onde se constituía o conceito de ancestralidade, e o profundo respeito pelo passado.

Tendo a oralitura como ferramenta de expressão, denúncia da dor e reivindicação da liberdade, os negros recitavam palavras que revelavam conteúdos de sua trajetória. Tais recitais se davam em forma de cânticos, poesias, contos, ladainhas, em que, toda expressão e performances eram, de certa maneira, um alento ou substância de resistência, que retratavam o momento vivido e também as memórias coletivas de suas origens. Apresentar o conceito de oralitura neste artigo se fez necessário para compreensão da importância da oralidade na vida dos africanos e afrodescendentes, como um método de transmissão de conhecimento, conferindo ainda, que os contos de matriz africana surgem nesse trânsito e pela valorização da tradição oral.

Como objeto de observação, nossa investigação focaliza os contos e as lendas africanas de origem iorubá, como instrumento de contação da história da origem do mundo, uma versão da cosmologia para africanos e afrodescendentes. Os registros feitos a partir do fenômeno oral apresentam uma vasta quantidade de obras e guardam singularidades no que diz respeito a criação. Foram observados três contos, devido as nossas intenções em refletir de maneira objetiva o conteúdo destes e sua ligação com as crenças e saberes de matriz africana. O caráter lúdico dos contos favorece a curiosidade e o prazer em “descobrir” a criação do mundo e o nosso surgimento no universo. Com observação de contos africanos iorubá é revelado o imaginário do referido povo, a sua cosmologia, sua versão sobre a criação do universo, dos humanos e da existência dos ancestrais divinizados.

A CRIAÇÃO DO MUNDO E A EXISTÊNCIA HUMANA



As versões não científicas da história em relação à criação do mundo assumem várias formas e conteúdos através do tempo e espaços, ainda que dentro de um mesmo grupo, visto que partem de origens e contextos diversos. Percebemos isso quando tratamos do continente africano, pois, a África é diversa por natureza, e ganha várias configurações na formação, na estrutura e no funcionamento das sociedades que a compõem. Podemos encontrar arranjos sócio-políticos variados, gerando assim diversas culturas e formas de organizações. Neste sentido, existem sociedades patrilineares, matrilineares, de diversas vertentes políticas, como: reinos teocráticos, repúblicas democráticas, impérios, com sistemas sociais que vão desde sociedades estratificadas, escravocratas ou até sem classe, entretanto encontramos como traço definidor de unidade a crença na ancestralidade.

Mesmo tendo a ancestralidade como característica unificadora das culturas africanas, naturalmente as diferenças entre os povos darão traços singulares e próprios a esta característica geral. Cada grupamento social atribui um conceito e construção para o um dado fenômeno, bem como difunde e perpetua suas crenças através dos tempos. A herança cultural estabelecida a partir desse conceito de geração da existência humana é um traço característico e fundamental para a identidade de um povo. A perpetuação de uma crença cosmológica é a matriz identitária de uma nação, fazendo com que vários outros valores sejam criados a partir desta assunção imagética.

O interesse pela criação do mundo está presente nas vidas dos seres humanos que tentam comprovar a origem do universo e sua evolução. Do senso comum aos estudos científicos, hipóteses são levantadas e aguçam o imaginário dos indivíduos que comungam com tais hipóteses a partir de suas crenças. Com base nas convicções dos grupos pelos quais fazem parte, desde a família, a sociedade pátria e os demais grupamentos, os povos passam a acreditar no que lhes é revelado e ensinado, alimentando suas crenças e reforçando seu imaginário.

A compreensão do surgimento do universo tem várias abordagens científicas que esta produção não daria conta de analisar, devido à complexidade que envolve tal assunto. Para tanto, trazer aqui os conceitos da Física e da Filosofia sobre cosmologia nos ajuda a uma compreensão inicial para que então avancemos no imaginário cosmológico do qual propomos aqui.

Para a Física, “Cosmologia é a Ciência que estuda a estrutura, evolução e composição do universo.” (ROSENFELD, 2005, p. 31). Este autor afirma que somos privilegiados por termos informações cientificamente estudadas sobre o universo a partir de instrumentos tecnológicos que nos facilitam o acesso. Então por meio da Cosmologia temos noção do que é feito o universo, tal qual sua estrutura e composição, bem como sua evolução ao longo do tempo. Estudos minuciosos são feitos para comprovar a teoria da origem do mundo e seu plano físico, porém a resposta sobre de que é feito o universo talvez seja mais complexa do que supomos imaginar.



Primeiramente, temos que enfatizar algo óbvio: o universo é muito grande. Como podemos tentar responder a essa pergunta se nunca conseguimos sequer enviar espaçonaves para as redondezas do nosso sistema solar? Certamente temos que inferir a composição do universo a partir de observações realizadas por instrumentos aqui na Terra ou em sua órbita. (ROSENFELD, 2005, p. 36).

De fato, ainda temos limitações que dificultam uma resposta cientificamente precisa sobre de que é feito o universo. Estudos nos afirmam que este não é estático e está em expansão. Mas ter uma afirmação sobre sua estrutura é algo que a cosmologia, como ciência que se ocupa desse estudo, tem feito esforço para nos suprir. Encontramos dificuldades de desenvolvimento de um estudo desta magnitude, com relação a disponibilidade documental, de adequação de conceitos e de possibilidades de escolhas epistemológicas, por isso mesmo, discorreremos brevemente e de forma despretensiosa para chegarmos ao que de fato nos ocupamos com essa produção: refletir/analisar sobre o imaginário cosmológico e a criação do mundo e a forma que estes conhecimentos são difundidos dentro de determinada cultura. Sobre a compreensão científica da construção do universo, Villela Neto (2005, p. 28) afirma:

Estamos, atualmente, em uma situação muito parecida com aquela em que estávamos há 100 anos: precisamos de teorias e dados melhores que possam nos ajudar a entender o universo em que vivemos. Pelo que sabemos hoje, 95% do conteúdo do universo são componentes desconhecidos para nós, chamados de energia e matéria escuras. Isso mostra nossa grande ignorância sobre a natureza. Por outro lado, isso também nos mostra que precisamos ainda aprender muita física [...].

Passando da perspectiva da física para a filosófica, verifica-se outra noção sendo revelada, mas de certa forma, coincidindo com a complexidade acerca do surgimento do universo e criação do mundo. Todavia, as duas visões têm estudos sistemáticos que tentam comprovar ou talvez levantar hipóteses que nos levem a concluir sobre nossa existência. Esses estudos formais e textualizados nos privilegiam de informações que ampliam nossos conhecimentos, por isso sua relevância.

Investigar a criação do mundo e o surgimento do universo leva também a questionamentos relacionados com a nossa própria existência enquanto seres humanos e pertencentes do mundo em que vivemos. É nessa perspectiva que a filosofia trata da cosmologia, atentando para o surgimento do ser humano e sua ligação com o cosmo. Na visão da Filosofia, clássica ou contemporânea, encontramos uma compreensão mais imaterial e menos tangível do fenômeno, se assim podemos dizer, mas não menos complexa. Acredita-se que o ser humano é parte constituinte do cosmo, resultado de toda existência distinta e sugere-se ainda, que há vida em todo o universo. As modificações cosmológicas e suas evoluções deram condições para a existência da vida. Somos seres integrantes do espaço universal e estamos interligados aos cosmos. Schorn (2013, p. 10) assevera,

Se por vida entendermos conexões energéticas e perenidade sistêmica, então, há vida em todo o universo. A vida da terra e a vida na terra, entre elas a do ser humano, são apenas amostras das infinitas ocorrências acidentais constituintes do cosmo. A especificidade humana é que, distintamente das demais existências, é uma entidade de



conhecimento desde antes de seu nascimento até depois de sua morte. Ao mesmo tempo e em simetria com toda a existência presente, ela é o resultado contemporâneo de toda a existência distinta e anterior a si. A autoconsciência humana é a dimensão conhecida mais complexa de toda a transformação da natureza. O cosmo, ao se modificar, engendrou as condições para a existência da vida em suas infinitas formas e, dentre elas, da vida inteligente, em um grau crescente de complexidade.

Conforme Schorn (2013), não é difícil acreditar que há vida em todo o universo, podemos até mesmo imaginar como são os diferentes seres que habitam os mundos formando uma pluralidade da existência. Quando o autor supracitado considera que somos também amostras das infinitas ocorrências acidentais do cosmo, nos mostra o quanto pode ser denso o estudo sobre a criação do mundo e nosso surgimento neste. Esse fato é corroborado pela Filosofia em relação à visão da Ciência Física, que como foi dito anteriormente não responde na sua totalidade de que é feito o universo.

Podemos pensar no começo e na ordem de tudo o que há; contudo, não podemos conhecer tal começo e ordem de forma segura, como de resto não podemos conhecer nada de forma absolutamente segura. Talvez isso se deva à nossa recente emergência como parte do cosmo ou esse seja um estado intransponível: aos deuses a *episteme*; aos homens a *doxa*. (SCHORN, 2013, p. 11).

Perceber a imensidão do universo é algo que ainda pode causar espanto e que para além de uma simples percepção leva a estudos científicos. Imaginar seu surgimento, a criação do mundo é algo recorrente que permeia a vida humana, talvez como uma simples curiosidade, ou um intenso desejo de descoberta do que ainda não nos foi totalmente revelado. Da criança ao adulto, o ser humano em algum momento já se ocupou em pensar acerca de como se deu a criação do mundo, qual é a sua origem, como surgimos. E em uma perspectiva mais lúdica e não menos valiosa os contos e lendas tratam do assunto de forma mais acessível à nossa compreensão, sem que para isso afete a crença na sua veracidade.

CONTOS DE MATRIZ IORUBÁ: UMA CRENÇA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO MUNDO

O imaginário humano cogita possibilidades que respondam sobre o surgimento do universo, sobre a criação do mundo e nossa existência. Querer saber de que é composto o universo, quem foi o primeiro ser criado no mundo passa de uma simples concepção, ou de estudos científicos para uma crença fundamentada pelas religiões, cada uma defendendo sua visão.

No âmbito informal, as histórias dos povos e civilizações transmitidas e repassadas pelas gerações anteriores às sucessoras, enriquecem os arquivos culturais espalhados pelo mundo de várias formas. Os diversos grupos sociais têm suas visões peculiares sobre o grande fenômeno, a criação do mundo e a origem de nossa existência e de tudo que há no universo. Em contato com essas histórias os seres humanos passam a ter conhecimentos que podem diferir, mas sem



com isso estabelecer uma verdade absoluta. Casos ou fatos, os povos e suas culturas em todo o mundo têm suas visões de como tudo surgiu.

Os africanos de diversas partes da África quando foram violentamente inseridos em novos solos, deixaram um legado rico em saberes, costumes, crenças, vivências que não se restringiram ao seu continente, passando a fazer parte da cultura dos territórios por onde transitaram. Por meio dos contos e lendas transmitidos pela oralidade, o conhecimento ganha visões e imaginários de alguns africanos em relação à criação do mundo. Com a tradição oral latente os iorubá, por exemplo, transmitem conhecimentos, falam de suas experiências e trajetórias de vida, passam de geração em geração seus costumes, sua cultura e suas crenças. É indispensável falar da tradição oral quando tratamos de África, e/ou de parte dela, pois, com esta ferramenta física de educação, vivenciam-se valores, experiências e saberes mútuos. Numa troca de fala e escuta, os africanos foram ao longo do tempo construindo e transmitindo conhecimentos. Foram disseminando pelo mundo seu legado que já não mais se restringe ao seu continente.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. (VANSINA, 2010, p. 139).

Na oralidade os africanos pertencentes da cultura oral, tais como os iorubá, ensinam lições de vida, e em cada caso contado há a preocupação com os detalhes dos fatos e o esforço da memória se faz imprescindível para que suas riquezas imateriais não se percam. Com a palavra os filhos da África perpetuaram sua cultura e mantiveram viva a tradição oral, fazendo com que suas histórias sejam reveladas e ganhem proporções que ultrapassem fronteiras. Quanto a isto Bonvini (2001, p. 39) ressalta: “Ora, em contexto de oralidade, é a troca direta da palavra que permite a transferência da experiência no meio do grupo, e por aí, a sua vida e sua sobrevivência.”

Outro fator relevante na vida dos africanos, mais precisamente os iorubá, é sua ligação com a religião que também se perpetua por meio da tradição oral. Com base em um sentimento religioso que validam suas crenças, estes, interagem com o mundo e convencem-se da criação de toda existência. No que tange a crença, tais povos fortalecem suas convicções a partir dos ensinamentos religiosos. É dessa maneira que validam a palavra dita e passam a viver convictos de seus pertencimentos no mundo e também vivenciam as histórias de seus ancestrais. Para Bâ (2010, p. 173) “[...] todas as tradições africanas postulam uma visão religiosa do mundo.” Isso nos afirma a forte presença da religião para os povos africanos, e para nos esclarecer a este respeito, Santos (2008, p. 45) assegura:

Ressaltamos, para o melhor entendimento da cosmogonia nagô e suas concepções sobre a existência no *aiyé* e *orun*, que ela difere radicalmente da percepção ocidental moderna de tempo evolutivo - fragmentado pelo relógio de ponto e espaço esquadrinhado - dividido pelos mapas, uma percepção de base positivista e



etnocêntrica que sabemos, através de uma razão matemática e seus instrumentos tenta transformar a pluralidade cultural do mundo em uma grande unidade de produção e consumo.

Como fio condutor da narrativa, demonstraremos alguns contos e sua forma de conceber a criação do universo, o primeiro conto trata da criação da terra e consta no livro “A enxada e a lança – a África antes dos portugueses”, de Silva, (1996, p. 453):

[...] diz-se que Olodumaré ou Olorum, o deus supremo, lançou, do céu até as águas ou pântanos que lhe ficavam abaixo, uma corrente, pela qual fez descer Odudua, com um pouco de terra num saco ou numa concha de caracol, uma galinha e um dendezeiro. Odudua derramou sobre a água a terra, e nesta colocou a palmeira e a ave. A galinha começou imediatamente a ciscar o solo e a espalhá-lo aumentando cada vez mais a extensão da terra. Daí o nome que tomou o lugar onde isto se deu: Ifé, o que é vasto, o que se alarga.

Uma continuação dessa mesma história pode ser vista no livro do Mestre Didi (SANTOS, 1988, p. 5) “História de um terreiro nagô”,

Depois de algum tempo, quando percebeu que a terra estava bem espalhada, Oduá chamou agemô (o camaleão) que: Palpando, um pouco desconfiado, foi andando bem devagarinho, experimentando e formando a terra cantando: ô lê (está firme), kô lê (não está firme, ô lê (está firme), kô lê (não está firme). Até quando ele sentiu que de fato a terra estava sólida e firme, parou de cantar. Após a confirmação dada por agemô que já estava tudo certo, a terra estava firme, saltou primeiro para a terra o orixá Ajá, orixá da riqueza, depois Exu, Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxum e todos os outros orixás.

Neste primeiro conto somos informados sobre como a terra foi criada e habitada. São duas versões que se complementam e nos permitem uma breve reflexão. A origem do nome “terra” se deu, segundo o conto, devido o significado do nome Ifé: o que é vasto. De uma imensidão de água, ao simples ciscar da galinha e o espalhar da areia surge a vastidão que hoje habitamos. Tal versão oralizada é uma rica proposição para geração de alternativas para a imaginação e concepções pictóricas, fato que reforça a consistência da oralidade, na contação de histórias.

Um ponto a ser destacado nas duas versões do mesmo conto é a presença dos animais. No primeiro vemos a galinha e no segundo o camaleão (agemô). Cada um com suas funções distintas e necessárias para que a nossa terra fosse criada. A ave com suas patas indispensáveis cisca a areia para espalhá-la nas águas pantanosas até que se fizesse um solo firme. O camaleão, conhecido como agemô, utilizado pela sua astúcia, capaz de mimetizar-se, foi conferir se de fato a terra estava firme para ser habitada. Cada um em suas especificidades foi convocado por Olorum em missão importante. A inserção dos animais nos contos é um instrumento poderoso de alto significado na contação e difusão dos saberes, na medida em que traz elementos naturais com personificações e ações dentro do conto.



Outro fator instigante fica a cerca de quem teria criado o universo, quem é a figura criadora de todas as coisas. Olodumaré também conhecido como Olorum é um Deus Supremo com poderes únicos, capaz de criar e dar vida aos seres, inclusive aos Orixás, ancestrais divinizados, entidades cultuadas nas religiões de matriz africana. Olorum é o grande Ser, de infinita sabedoria e magia, de infinita perfeição, aliás, único Ser perfeito, que figura o imaginário dos humanos por toda parte, e de gênero indefinível.

Olórun, entidade suprema, *o + ní + òrun*, aquele que é ou possui *òrun*, não é apenas um deus ligado ao céu como pretendem certos autores, mas aquele que é ou possui todo o espaço abstrato paralelo ao *aiyé*, senhor de todos os seres espirituais, das entidades divinas, dos ancestrais de qualquer categoria e dos doubles espirituais de tudo que vive. (SANTOS, 1985, p. 56, *apud* SANTOS, 2008, p. 44).

Personagem que também se destaca nas duas versões do conto é Oduduá ou Oduá, originalmente grafada *Odùduwà*, quem seria esse ser? Segundo a tradição africana iorubá, é uma das divindades primordiais por ser propulsora da criação. Seu nome pode ser traduzido como a cabeça de onde jorrou a vida e quanto ao seu gênero há controvérsias. Para uns é feminino e outros afirmam ser masculino, mas, o mais importante, a saber, é que esta entidade esteve presente na sublime incumbência da criação da terra. Sobre o gênero da palavra em questão, encontramos uma explicação no texto “Oduduwa” do blog de Babá Ricardo de Làalu:

O nome Oduduá pode ser traduzido como a cabaça de onde jorrou a vida. Muitos costumam se enganar e a afirmar que Oduduá seria um Orixá masculino ao invés de feminino, mas o que ocorre é uma confusão entre a divindade feminina Oduduá com o ancestral iorubano divinizado Oduduá... Em Adó, Oduduwa é irrefutavelmente uma Deusa [...]. (LÀALU, 2012).

A dúvida em torno de Olorum e Oduduá é quanto ao seu gênero, seria mesmo assexuado? Muitos se perguntam a respeito disto, mas são respostas que não teremos afirmações. Porém, encontramos importância nessa representatividade quando para o povo de crença, independente do sexo, a entidade tem sua importância e representatividade, avulso ao seu gênero, inclusive variando de acordo com a fonte, não atribuindo relevância fundamental a esta questão, inclusive ao Ser Supremo. Esse Ser Supremo tem o mesmo valor entre diversos povos e é tido como o Pai criador de tudo e todos e de poder absoluto, nos contos africanos do candomblé, acredita-se que foi Ele quem criou a terra e todas as criaturas existentes no mundo. Na segunda versão do conto, aparecem as figuras dos Orixás, presenças constantes entre os povos iorubás. Quanto a isto Prandi (2001, p. 20) ressalta:

Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, também chamado Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável para alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida e em sociedade e da condição humana.

Prandi (2001) de certa forma corrobora com as informações da segunda versão do primeiro conto analisado, reafirmando a presença dos Orixás para os povos iorubá. Tais



entidades também são mencionadas no segundo conto que investigaremos a seguir, que fala sobre a criação dos seres humanos, publicado no texto de Vanda Machado (2015, p. 6):

Um dia, Olorum chamou Oxalá e ordenou que ele criasse o ser humano. Oxalá, sem perda de tempo, deu início ao trabalho que lhe foi ordenado. Fez um homem de ferro, constatou que era rígido demais. Fez outro de madeira, que também ficou muito sem jeito. Tentou de pedra, o homem ficou muito frio. Depois, tentou de água, mas o ser não tomava uma forma definida. Tentou fogo, mas, depois de pronto, a criatura se consumiu no seu próprio fogo. Fez um ser de ar, depois de pronto o homem voltou a ser o que era no princípio, apenas ar. Ele ainda tentou criar também, com azeite e vinho de palma. Mas nada aconteceu. Preocupado, sentou-se à margem do rio, observando a água passar. Das profundezas do rio surge Nanã, que indaga sobre a sua preocupação. Oxalá fala da sua responsabilidade naquele momento e das suas tentativas infecundas. Nanã mergulha nas águas profundas e traz lama. Volta e traz mais lama e entrega para Oxalá, para que ele cumprisse a sua missão. Oxalá constrói este outro ser e percebe com alegria que ele é flexível, que ele move os olhos, os braços, a cabeça [...] então, sopra-lhe a vida. A criatura respira e sai cantando pelo mundo: ara aiyê modupé / Orumilá funfun ojo/ nilê ô.

Nesse conto temos uma história diferente da que tivemos acesso durante nossa vida, nas versões científicas ou mesmo na versão religiosa. Na tradição de matriz africana nos é revelado uma versão com elementos da natureza para nossa criação e de onde viemos. Depois de tantas tentativas sem sucesso finalmente fomos criados, somos derivados de uma mistura de água e terra, portanto temos em nossa composição os elementos que originou o nosso planeta Terra, podemos então dizer a partir do conto que somos partículas do universo. Que somos frutos de inúmeras tentativas da natureza em moldar um organismo superior, que evolucionariamente se constituiu, após tentativas naturais.

É revelada também nesse conto a participação de dois Orixás que no Candomblé representam as figuras de anciãos, de sabedoria respeitável. Não poderia ser diferente, para que pudéssemos ser feitos, seria necessário o trabalho dos divinos ancestrais com suas cautelas e sapiências compartilhadas. Oxalá minuciosamente testou cada elemento tentando dar forma às criaturas humanas e atender satisfatoriamente à missão que Olorum lhe incumbiu. Percebendo que ainda não tinha algo pronto e de qualidade, com sabedoria e paciência se pôs a pensar.

Diante da reflexão de Oxalá, surge Nanã das profundezas do rio e lhe sugere a lama. Fomos moldados e assim o responsável por nos criar se deu por satisfeito, nos dando o sopro da vida. Com a lama foi feito todo o nosso corpo físico, olhos, braços, cabeças, fomos criados perfeitos, com movimentos, flexíveis. Acredita-se que Oxalá compreendia que precisaríamos nos locomover, que não poderíamos ser tão rígidos, nem tão fluidos, que não poderíamos ser tão frios nem incendiários, tínhamos que ser feitos na medida certa para sobreviver na Terra. A outra mensagem oralizada neste conto é da natureza diversa do ser humano, e das possibilidades infinitas de sua configuração, de forma relacionada com elementos naturais, até uma concepção final de um ser perfeito e superior, o homem. Quanto à descendência do ser humano na cosmologia iorubá, Prandi (2001, p. 24) destaca:



Os Iorubás acreditam que homens e mulheres descendem dos orixás, não tendo, pois, uma origem única e comum, como no cristianismo. Cada uma herda do orixá de que provém suas marcas e características, propensões e desejos, tudo como está relatado nos mitos.

Sendo assim, é possível observar a distinta visão e concepção dos iorubá sobre a criação do mundo e da vida humana. Essas elucidações enriquecem os conhecimentos e saberes de um povo e de forma abrangente, quando em contato com outros povos, passando a ser difundido, e sobretudo, por meio da oralidade.

O terceiro e último conto a ser analisado também faz relação com as entidades da religião de matriz africana e diz respeito ao poder dado aos Orixás. Olorum teve a necessidade de enviar os ancestrais divinizados a terra para lhes auxiliar e para tanto, estes precisariam de poderes. Cuidar da terra não seria missão tão fácil e a presença dos Orixás seria indispensável. Para a nossa reflexão retiramos trechos do conto: “A chuva de poderes”, uma adaptação livre inspirada na obra de Mestre Didi, feita por Santos (2008, p. 144).

A chuva dos poderes

Olorum, o ser supremo, o absoluto, mãe e pai do universo, depois que criou a terra e todos os seres existentes, desejando que todos prosperassem, resolveu enviar ao centro do mundo, a cidade sagrada de Ilê Ifé, seu representante, o grande sábio e adivinho Orumilá. A missão de Orumilá era distribuir poderes muito especiais aos Orixás, os primeiros habitantes da terra, para que, através deles, todos os seres existentes: plantas, seres humanos, animais, rios e montanhas, fossem ajudados a prosperarem, cumprirem seu destino no mundo e fossem felizes...

Orumilá, muito contente com a importante tarefa que Olorun lhe havia confiado, rapidamente se dedicou aos preparativos da grande viagem que faria do espaço infinito Orun para a terra Aiyê, procurando não esquecer as ordens de Olorun de desembarcar na primeira cidade da terra, a sagrada Ilê Ifé e, estando lá, distribuir os poderes especiais aos Orixás para que eles pudessem ajudar a todos os seres existentes...

Os dias se passaram e como Orumilá não distribuía os poderes entre os Orixás, cada vez mais as coisas se complicavam. Criou-se uma grande disputa e confusão. Alguns Orixás já estavam tão zangados que foram reclamar os poderes que julgavam possuir a Olorun. Era um tal de conversa para lá, conversa para cá, reclamação aqui, reclamação acolá que Orumilá, com a cabeça esquentada pela impaciência dos Orixás, resolveu se afastar da cidade sagrada de Ilê Ifé e passar um tempo na floresta para se acalmar e encontrar uma decisão que fosse mais justa e satisfatória para o bem do planeta...

Olorum, sabendo da delicada situação que o sábio e justo Orumilá estava enfrentando por ter aceitado a difícil tarefa de distribuir os poderes aos Orixás, mandou para auxiliá-lo na floresta de Ilê Ifé, Agemô, o Camaleão.

– Olá Agemô, grande mensageiro de OLORUM. Conte-me a sua boa idéia!

– Oi moço, eu não queria me meter nesses assuntos, mas como o Sinhô está muito avexado. Vou falar!

- Fale Agemô, eu agradeço sua ajuda!

- Então, seu Milá, porque que o sinhô não faz cair uma chuva em Ifé. Uma chuva bem especial.

- Oxente seu Agemô, chuva pra quê?

- Bem seu Milá, eu vou explicar direitinho. É o seguinte, o sinhô convida todo mundo num dia especial e nesse dia faz que caia uma grande chuva de poderes sobre todos.



Assim, os poderes que cada Orixá conseguir pegar, esse poder será dele por direito! Nem mais nem menos! Cada um terá aquilo que merecer conforme seu esforço! Muito feliz e agradecido com a sugestão de Agemô, Orumilá rapidamente retornou à cidade de Ilê Ifé e convocou todos os Orixás para comparecerem no dia da grande feira, em frente ao palácio do Oní, rei de Ilê Ifé, um local onde todos os habitantes do reino yorubá se reuniam para comercializar seus produtos. Nesse dia tão especial para todo o povo, ele vai fazer cair uma chuva contendo todos os poderes. O poder que for apanhado quando a chuva cair, esse será o poder que o Orixá passará a possuir. Todos os Orixás ficaram contentes com a decisão de Orumilá e, no dia marcado, estavam preparados para apanhar os imensos poderes que caíam da chuva.

O conto acima foi fragmentado, ficando apenas os aspectos principais para nossa reflexão. Nesse, vemos a preocupação de Orumilá para cumprir a missão que Olorum lhe denominou. Não foi fácil para ele distribuir poderes, sabemos que a posse do poder revela quem de fato são as criaturas. Todavia não se tratava de quaisquer criaturas nem quaisquer poderes. Eram os Orixás, auxiliares do Pai Criador que seriam agraciados pela magia para usar em benefício da Terra.

A figura de Orumilá, ser divinizado e de confiança, se assemelha à figura dos grandes chefes, dos líderes que são escolhidos para cargos de governança e que não podem decepcionar, e tão pouco devem privilegiar uns em detrimento de outros. Orumilá não poderia ter predileção por nenhum orixá, teria que ser justo com todos. Essa entidade tem cargo de alta relevância, possuidor dos segredos, do destino. Nesse sentido e explicando sobre a referida figura sagrada, Luz (1995, p. 105, *apud* SANTOS, 2008, p. 39) diz que: “Orumilá é a entidade patrona do conhecimento da revelação dos destinos. Orumilá Baba Ifá significa que ele é pai de Ifá, isto é, aquele que realiza a revelação do destino. Da Ifá; quer dizer criar Ifá, fazer com que o destino seja revelado.”

A parte principal que destacamos nesse conto é o papel do líder, do missionário, daquele que foi designado a um feito importante e que não pode em hipótese alguma falhar. Caso Orumilá negligenciasse sua missão, resultaria em transtornos irreparáveis. Tudo teve que ser feito na medida certa para que não houvesse reclamações e insatisfações. Imaginemos que Orumilá contemplasse alguns Orixás de sua escolha para ter acesso a uma quantidade exacerbada de poder e deixasse outros sem nenhum, isso não seria justo, é possível que o Orixá beneficiado se envaidesse como vemos entre os simples mortais.

Para ser justo e imparcial, foi proposta uma chuva de poderes que todos tivessem acesso. Quem pegasse um determinado poder seria seu possuidor e por mais que uns conseguissem pegar uma quantidade maior, nenhum ficaria faltando e não teria sido Orumilá o responsável pela divisão. Talvez essa tenha sido a forma democrática que ele encontrou, sugerido por agemô, o camaleão. Aliás, o réptil tem grande participação em contos iorubá. Foi preciso sabedoria para decidir o que fazer e como fazer.

Os personagens do conto nos mostraram que sabedoria para o africano tem a ver com longa experiência de vida e dedicação à sua comunidade e também diz respeito ao



conhecimento do imenso corpo ou acervo de histórias e práticas rituais milenares da civilização nagô, perpetuadas no oráculo de *Ifá*. (SANTOS, 2008, p. 39).

Na tradição africana a sabedoria é uma das principais virtudes que deve fazer parte dos indivíduos. Cultivar isto é fundamental para que as decisões sejam acertadas e justas, assim concebe o povo iorubá. Por isso mesmo, dá-se muita importância aos mais velhos e presta-se atenção às suas falas e às suas recomendações. “O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram [...]”. (BOKAR, *apud*, BÂ, 2010, p. 167). Esse pensamento reafirma a ancestralidade como fonte de saberes dos indivíduos e são sucessivamente continuados, são difundidos e disseminados através da tradição oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta produção não tem a pretensão de fazer considerações estéticas ou formais acerca de contos de matriz africana, inferir sobre sua sintaxe, forma ou narrativa, mas refletir brevemente sobre a difusão do conhecimento e suas nuances da cultura iorubá. Toda a produção cultural, parte da história e tradição de um povo, deve ser respeitada e as comparações, devem ser evitadas e quando feitas, por alguma estratégia metodológica de análise, caso realmente necessárias, que sejam feitas não no sentido de estabelecer uma hierarquia, mas de compreensão destas. Os africanos que prezam as histórias vividas e transmitidas pelos seus ancestrais, com responsabilidade repassam os exemplos que lhes foram transmitidos. Estando ou não em concordância com as versões das ciências, a história contada pelos africanos sobre a criação do mundo contribui também para o aprofundamento e afirmação de sua essência e crenças fundamentais.

Reafirmar a validade dos contos africanos iorubá como instrumento de difusão e construção do conhecimento colabora com a ideia de desmistificar a afirmação formal de que na África não há uma cultura estabelecida e sofisticada, pois esta foi construída por força da tradição oral. Os três contos expostos tratam da criação do mundo de forma peculiar e revelam a importância do compartilhamento dos saberes para que tudo fosse feito no equilíbrio. No primeiro a galinha, o camaleão e a entidade Oduduá formaram uma equipe na construção da terra. No segundo conto foi preciso juntar a sapiência e calma de Oxalá e a sabedoria e astúcia de Nanã para que os seres humanos fossem gerados harmoniosamente, já no terceiro Orumilá contou com a ajuda do camaleão para cumprir sua missão.

Com a visão da física e a visão da Filosofia vimos outras perspectivas para a criação do mundo. Contudo devemos salientar que os laudos científicos não invalidam as crenças de um povo. Portanto, independente da veracidade dos contos e de sua cientificidade, a forma lúdica da cosmologia iorubá, sua versão com base religiosa de crença nos ancestrais configura a tradição da África e a base sólida na construção e difusão do conhecimento de um povo. Tudo que é contado e repassado entre as gerações passam a ter valor, são incorporados em suas vidas



de tal forma que é costume entre o povo de terreiro falar da lama de Nanã fazendo referência à história da criação humana. Fazem também referência aos mais velhos, como os grandes sábios, respeitando e associando à figura de Oxalá e dando grande valor à terra, à água porque desses elementos foram criados o nosso planeta e nossas vidas. Aliás, os elementos da natureza têm forte apelo nas tradições orais, nos contos de matrizes africanas e com a oralidade os seres divinos ganham vida e sentido para seu povo, revelando a distinta cosmovisão iorubá.

REFERÊNCIAS

- ABIMBOLA, W. **A concepção iorubá da personalidade humana**. Tradução, notas e comentários: Luiz L. Marins 2011. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional para A Noção de Pessoa na África Negra Paris, 1971. Publicado pelo Centre National de la Recherche Scientifique Edição N° 544 Paris, 1981.
- BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.
- BONVINI, E. **Tradição oral afrobrasileira: as razões de uma vitalidade**. Projeto História. São Paulo, 2001.
- LÀALU, de. B. R. **Oduduwa**. São Paulo, 21 out 2012. Disponível em: <http://candombles.blogspot.com.br/2012/10/oduduwa.html>; Acesso em: 03 dez. 2016.
- LIMA, V. C. **Conceito de “Nação” nos Candomblés da Bahia**. Colóquio Negritude ET Amérique Latine, promovido pelo governo do Senegal e UNESCO, em Dacar, de 7 a 15 de Janeiro 1974.
- LUZ, N. C. do. P. **Abebe: a criação de novos valores na educação**. Salvador: SECNEB, 2000.
- MACHADO, V. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. 2015. Disponível em: <http://educacao.salvador.ba.gov.br/adm/wpcontent/uploads/2015/05/mitos.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2016.
- MARTINS, L. A fina lâmina da palavra. O eixo e a roda: **Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 15, 2007.
- PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- ROSENFELD, R. A Cosmologia. **Física na Escola**, v. 6, n. 1, 2005.
- SANTOS, D. M. dos. **História de um terreiro nagô**. São Paulo: Max Limonad, 1988.
- SANTOS, R. M. **AGBON: arte, beleza e sabedoria ancestral africana – Educação e pluralidade cultural**. Salvador: EDUNEB, 2008.



SCHORN, R. A educação filosófica é cosmológica. **Griot – Revista de Filosofia**, Bahia, v. 7, n. 1, jun. 2013. Disponível em: www.ufrb.edu.br/griot; Acesso em: 06 dez. 2018.

SILVA, A. da. C. e. **A enxada e a lança: a África Antes dos Portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

SILVA, M. F. L. da. Oralitura. In: SILVA, C. da. (org.). **Africanidades e relações raciais: insumos para Políticas Públicas na área do livro, literatura e bibliotecas no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

SOUZA, A. L. S. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiro**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. In: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139-166.

VILLELA NETO, T. Cosmologia: a aventura espetacular da descoberta do universo. **Ciência Hoje**, v. 36, n. 216, jun. 2005.

Notas

¹ Doutorado em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Desenvolvimento de Projetos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contato: eudaldofilho@gmail.com

² Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora do Iº Ano do Ensino Fundamental I do Instituto Dom de Educar (DOM). Contato: janainabaeducadora@gmail.com